

FRANZIN, Aldemir; MOREIRA, Alberto da Silva. **Os romeiros do Muquém**. Goiânia: Ed. Espaço Acadêmico, 2019.

1. A Romaria do Muquém, no município de Niquelândia (GO), tem aproximadamente 270 anos. A festa e a Romaria se realizam todos os anos, entre os dias 5 e 15 de agosto, em louvor a Nossa Senhora d'Abadia do município de Muquém. A imagem da santa está guardada num nicho no fundo do santuário, três metros acima do chão, e pode ser vista de longe. Nesses 270 anos essa devoção continua atraindo uma multidão crescente de romeiros, em 2018 mais de 400 mil fiéis passaram pelo santuário.

2. A construção do santuário de Muquém aconteceu no espaço geográfico e cultural dos índios Avá-Canoeiro. A nação Avá-Canoeiro pertence ao grupo Tupi do cerrado que já foram numerosos e guerreiros nesse norte goiano. Não existe, aparentemente, nenhuma relação dos Avá-Canoeiro com a Festa e a Romaria de Muquém.

A palavra Muquém, que designa esse município de Niquelândia, é de origem indígena e diz respeito à prática de “assar carne” numa grelha, “moquear” a carne ou o peixe, ou as aves.

3. Existe um **mito fundante** na qual a romaria se fundamenta. Isso quer dizer, de acordo com Mircea Eliade, - uma história sagrada que relata um acontecimento no tempo primordial... o tempo fabuloso do 'princípio' ... o mito é que narra como, graças às façanhas de Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir. O mito é sempre a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser.

Esse mito – portanto, essa história sagrada – diz respeito a uma imagem de Nossa Senhora da Abadia que estava em uma montanha na cidade de Braga, em Portugal, e que emitia uma grande claridade à noite, essa claridade iluminava a montanha e foi vista por um fidalgo da corte portuguesa que se dirigiu até lá para ver o que era aquilo. Encontraram na montanha, de onde vinha a claridade, uma imagem de Nossa Senhora escondida entre os rochedos, e cheios de

alegria, mudaram a sua morada para aquele local e ali edificaram uma pequena ermida (capela ou igrejinha que se erige em local ermo, afastado de população).

Os portugueses que vieram para o Brasil eram particularmente devotos de Maria Santíssima. E isso talvez explique as razões para uma pequena imagem de Nossa Senhora d'Abadia ter saído de Portugal, da região de Bouro, atravessar o oceano, parar em Salvador (BA), e depois ser carregada pelas mãos de um devoto proveniente do norte de Portugal e vir parar no Arraial de Muquém.

4. Notamos que a devoção e a romaria do Muquém começaram por dificuldades econômicas bem concretas: segundo uma das versões para o surgimento do santuário, o português Antônio Antunes de Carvalho descobriu uma mina de ouro nas proximidades de Muquém, e em tal aperto prometeu colocar uma imagem de Nossa Senhora d'Abadia na Capela de São Tomé, caso fosse livre dessa dificuldade e resolvesse o problema.

Mircea Eliade, e outros tantos historiadores da religião, descobriram mapas de deslocamento (peregrinações, romarias) datados do período paleolítico superior. Esses caminhos levavam a lugares sagrados, localizados em muitas regiões na África, na Ásia e na Oceania. As romarias cristãs surgem a partir de 380 d. C. quando o cristianismo se tornou religião oficial do Império Romano, na época do Imperador Teodósio I.

Lizete Crispim (2020), estabelece romaria como peregrinação à cidade de Roma para visitar o túmulo dos mártires Pedro e Paulo e outros santos martirizados no século I; Pierre Sanchis (1992) define-a como peregrinação popular a um lugar tornado sagrado pela presença especial de um santo; Van Den Born (1985) conceitua a romaria como uma viagem para um lugar sagrado, com a intenção de, em seguida, voltar para casa. Dessa forma, registra-se uma série de peregrinações, romarias, de fiéis cristãos desde a Idade Média, e por muitos motivos (Devoção e Fé, Expiatória, Testamentária, de Interesse Militar, Aventureira, Econômica e de Ocultação).

Sobre as romarias praticadas no Brasil por influência da religiosidade portuguesa, Sanchis (1992) registra que “as romarias favoreceram uma estrutura de compatibilidade entre a religião mais antiga e pagã dos portugueses e a nova religião trazida pelo cristianismo. Essa estrutura permanece viva nas camadas

mais profundas da memória coletiva, e especialmente popular, sendo uma religião sempre nova.

Rosendahl (1997), afirma que as romarias no sertão mantiveram formas de piedade popular e se desenvolviam com expressões culturais do povo. Prevalencia o catolicismo popular e não o oficial, caracterizado por um conjunto de práticas e representações que refletem o sincretismo de três grandes matrizes das religiosidade brasileira: o catolicismo e as religiões indígenas e africanas. A devoção aos santos e santas surgem da cultura do povo;

As imagens eram encontradas por pescadores, índios, aventureiros, e o aspecto milagroso da aparição da imagem evidenciava a vontade divina que escolhera esse lugar de culto. [...] elas representam uma tentativa popular de valorização da fé e da moral católica, em oposição aos males trazidos pelo ouro (ROSENDAHL, 1992, p. 144).

Dessa forma concluímos que as romarias, como a do Muquém, foram caracterizadas pelo **catolicismo de culto popular e devocional**. Com a reforma da Igreja Católica no século XIX, as romarias, procissões e folias foram alvos da chamada “romanização do catolicismo brasileiro”. Houve uma tentativa, por parte da Igreja Católica, em controlar e reintegrar os santuários ao catolicismo institucional, ou seja, de adaptar o catolicismo brasileiro ao modelo católico praticado em Roma.

5. O santuário revela uma organização espacial que o torna um ponto de condensação do sagrado; A Romaria do Muquém é um espaço, um lugar, mas também um *eixo*, um *foco de energia* e de convergência geográfica, cultural e religiosa e de poder simbólico. A romaria do Muquém estabelece *um tempo sagrado*, uma espécie de marca-passo na vida dos romeiros. O romeiro de Nossa Senhora d’Abadia usa a palavra “Muquém” para significar o espaço, o tempo, o símbolo e o sagrado. Quando o romeiro diz; “vou ao Muquém”, entende tanto o espaço geográfico e simbólico, o santuário como epicentro da romaria, como também o tempo destinado a visita-lo, o tempo especial da romaria. Como afirmava Eliade (1995), o homem religioso deseja viver o mais próximo possível do santuário; “O Santuário – o ‘Centro’ por excelência – estava ali perto dele, na sua cidade e a comunicação com o mundo dos deuses era-lhe afiançada pela simples entrada no templo”.

A prática religiosa constrói sempre sua própria espacialidade, demarca um território para o sagrado, sinaliza as zonas e os espaços conforme a intensidade de sua sacralidade.

6. Mircea Eliade explicou que o sagrado se manifesta por meio de práticas, ritos e revelações extraordinárias, transformando alguns lugares em “centros de mundo significativos”, que são separados do espaço comum e do cotidiano profano. O espaço sagrado trona-se um eixo, uma porta, um ponto extraordinário de encontro e comunhão com o divino. Mas essa sacralidade precisa ser sempre de novo afirmada e recriada, consagrada e interiorizada pelos participantes, do contrário avança a desdiferenciação, a homogeneidade, o profano e o comum de todo o dia.

7. A experiência de entrar no espaço sagrado ajuda os indivíduos a suportar as dificuldades diárias e lhes abre percepções que conferem sentido aos outros momentos de sua vida.

8. A palavra santuário vem do latim *sanctuarium*, de *sanctus*, sagrado, marcado, escolhido; santuário é o espaço escolhido; santuário é o espaço onde o sagrado, o santificado, o divino se manifesta. Ao adentrar o santuário um número significativo de romeiros se emociona efusivamente e se alegra até as lágrimas.

9. Muquém é um lugar de festa do sagrado e do profano. Os dois espaços estão delimitados, o do sagrado e do profano entre os quais se dá o trânsito, a passagem e a comunicação. Eles se opõem e, ao mesmo tempo, se atraem. Jamais se misturam. Existem duas realidades de festas que se conjugam. As barracas com bebidas e comidas, com músicas eletrônicas, cenas de amor, mas também de briga entre casais e de desentendimentos entre vizinhos. É um lugar de disputas pelo poder simbólico; de diversidades de relações entre romeiros e o clero, entre o clero e os políticos e etc.

10. As motivações, que aparecem na pesquisa sobre o ir à festa, são múltiplas: econômicas, políticas, religiosas, afetivas e familiares, turísticas, culturais. O romeiro, contudo, identifica o santuário como morada da divindade, a Casa de Deus e de Nossa Senhora. O nome Abadia, em latim *Abbatia*, deriva do aramaico **Abba**, significa “Pai”, a Casa do Pai.

11. Nesse universo simbólico, com diferentes grupos de pessoas, numerosas vozes, expressões culturais e diferentes visões de mundo, é o sentido do sagrado que serve de orientação ao romeiro. Um sentido para o sagrado que ele e os demais instituem em conjunto e que precisa ser repostado sempre de novo, como construção coletiva e individual incessante. A vivência intensiva dos ritos, orações, símbolos e emoções compartilhadas desperta nas romeiras e romeiros sentidos que sustentam e ajudam a construir sua visão de mundo.

Palavras-Chave: Romaria. Espaço sagrado. Espaço profano. Tempo sagrado. Tempo profano.